

Anno 16\$000
Semestre 9\$000
Trimestre 5\$000

Anno 20\$000
Semestre 11\$000
Trimestre 6\$000

Escriptorio: 70, Rua do Ouvidor 70.

ANNO VII

RIO DE JANEIRO, 6 DE NOVEMBRO DE 1875

N. 321

EXPEDIENTE

Agredemos a offerta de exemplares das seguintes publicações, com que fomos obsequiados:

Ao Sr B. L. Garnier — *Petro e Cavalla e Mini Pinso*, contos por Alfredo do Musset, versado do nosso amigo Sr Salvador de Mendonça.

Ao Sr Dr Moncorvo de Figueiredo — *Do emprego do alvarato de potassa*, na sultura das crinças. Faça parars isso, Doutor, faga!

Ao Sr Manuel de Macedo — o seu *Almanach Illustrado* para 1876, em que dá largas ao espirito financeiro observador que o distingue. O tanto completo de um seu numero de boas pilherias e historias comicasticas.

Ao Sr A. J. da Fonseca Moreira — *Os Filhos do Inferno*, drama phantastico em 5 actos, original sem, muito original, muito original. E' impositivo ate que o Conservatorio lhe não dê algum premio...

Ao Exm. Sr. senador Silveira Lobo — *O Discuro* por S. Exc. proferido no Senado em 3 de setembro, relativamente á lei de reconhecimento militar.

Sr M. N. S. — Não ha meio nem modo. Idiotas já não cá temos muitos.

Sr Assignante Velho — O Sr que é velho, e que é assignante — das provas de não ser sãlo — poderá dizer-nos suas cousas? Não será amaria gustar sete mil réis para ler a tradução do *Jocelyn* feita pelo Sr Cardoso de Menezes?

Sr do desenho — Enforcas a pelézia, é barbudo; enforcas a lazarista, é eruel; não desmanchar o Pigeau a deplir uma corvã de peripetas e sandões sobre a campã d'um conservatorio qualquer.... passa fãra de todos os limites. Nem tanto!

Com muito gosto!

Esta famosa questão de *Leziristada*, além das grandes vantagens que nos trouxe como explicação das attribuições das duas policias a que os homens de letras têm de render preito e homenagem, tem sido de immensa utilidade n'uma porção de sentidas. Mal comparada, tornou-se uma especie de luz electrica acescada sobre pontos onde se erguam nos montes virtudes e qualidades de que até então se mais fortes telescopios não haviam dado noticia curta — de que não haviam sequer delizado suspirar a existéncia.

E tem bastado para espelhar essa claridade reveladora que a fãlta confidante, nos intervallos do benjãim quotidiano, accudesse a lampada maravillosa!

De tudo quanto ha muito annos se diz para fazer fãga aos governos, não ha cousa que fique em pé. Verificam-se que todas essas azevãnas não são mais do que *des consensu de Journalistas de l'oppression*, como diz o Jupiter d'uma opera buffa.

Ainda bem! o que mais praver me cansou foi a certeza de não ser a *Naplo* subvencionada pelos governos amigos, que têm precedido de uma folha para fãngir que tem por si a imprensa.

Já uma vez, ha tres annos, veiu a pello uma questão, acompanhada de cartas comprehensivas, que deixou patentes negociações entre a certa imprensa e os gabinetes dos ministros. O fim d'essas negociações era fingir opinião favoravel ao governo, a troco de uma tantos *obsequios*.... não sei se se temo emtendo.

A *Naplo* quã em outro tempo se chamava *Jornal da Turde*, foi criada por um homem empreendedor, activo, intelligente, pratico, que tem sabido levar a certo grau de prosperidade empresas jornalisticas. Apesar do alibã a politica de partido — o que é sempre um elemento de prosperidade — apesar de certas informações como folha commercial — o que vale do muito n'uma terra onde todos se occupam de commercio — o proprietario do *Jornal da Turde* passou a empresa adiante, a que talvez possa significar que não lhe pareceu ella extraordinariamente lucrativa no presente ou promettedora no futuro.

Tornada folha politica e ministerial, e occusando-lhe ao mesmo tempo as informações commerciaes, perdeu ella os dois unicos attractivos que podia ter, para o publico. E' verdade que passou a ser a primeira folha que publica a lista da loteria, mas como nem todos os dias anda a rola....

O antigo *Jornal da Turde*, a actual *Naplo*, to-mou-se pois uma folha perfeitamente dispensavel para o publico, e perfeitamente dispensada pelo publico — Salvo nos tres dias.

Diminua-lhe, por conseguinte, a renã, sem que se possa supôr que desapareçãas tambem a despeza. E todos quantos têm estado na imprensa, sabem que lãã á de toda uma folha, diaria ou não diaria, e que sacrificio exige de quem quer sustentã-la — independente de assignações e do rendimento de annuncios.

Põis bem, cases sacrificios, ha tres ou quatro annos que a *Naplo* os faz, nobremente, desinteressadamente, sem subvencões do Theouoro, nem favores do governo, vivendo umas vezes de ar, como se cansalões, e outros da graça do Deus, como os anjãllos do céu.

Esses sacrificios, eu, que tenho estado, e estou ainda, nos bondades da imprensa, são....

Com lãerça, deixem-me por um momento ser simplesmente guarda-livros, e vamos aos algarismos.

ORÇAMENTO DA DESPEZA DA NAÇÃO

Papel para mil folhas a 114 por numero.....	295,000
Campãção, a 208 por numero.....	935,000
Paginãção, extra.....	5
Impresso a 64 (?) por numero.....	156,000
Noticiãria.....	150,000
Revisor e conferente.....	120,000
Empregado dos correios e sellos.....	100,000
Gerente.....	150,000
2 empregados.....	100,000
Extrasordinãrios, sãro.....	5
Casa, sãro.....	5
Papel, tinta e tilbury, sãro.....	5
Etc., etc., etc., sãro.....	5
	1.998,000

RECEITA DA NAÇÃO

1.000 annuncios diarios a 60 rs	
liquidos em 25 dias.....	1.560,000
Deficit.....	438,000

E, note-se, que lães perdõo um cento de cousas que eu sei quanto custãas, e até sem lães fallo do ordenado do seu guarda-livros, porque admitto que os sães redactores, entre o artigo de fundo e a *Revista dos Jornaes*, rellãem o *Cãlculo* a *Assignante* e o *Cãlculo da Folha ao Fãrroco de papel*.

Ora, se é caso indistãvel que o orçamento da despeza da *Naplo* é superior ao que acima pão em algarismos, não acontece outro tanto com a sua receita.

A *Naplo*, salvo aquelles dias memorãvels em que collabara

o Sr Theouoro da loteria, não tira ali mais de 700 ou 800 — e não digo menos para não a envergarhar plãdo-a abaixo da *Seana Illustrada*. D'estes 700 ou 800 ha qũãnto a deduzir as trocas com collegas, os que ficam — sãbo Deus qũãntos — e os que vão, de *rolã* a *Nicolão*, para esse Matto Gombos e' onde os dois redactores é deputado, e para os Peramburos p'onde o seu compãnhão é representante.

Isto quanto á renda da folha. Quanto aos annuncios da *Naplo*, conheço pessoas a quem elles têm sido offerecidos ao mesmo preço, para os publicar quando *lães fãlter materia para escher a folha*. Por conseguinte....

Por conseguinte — o offerecimento que a *Naplo* proclama haver feito em tempo á *Republica*, de lãerçar o seu exame dos seus livros — a *Naplo* qũãnto fãzer-n'ho, accite-l'ho, e direi mais, com unico gãsto.

Como guarda-livros tenho visto cousas do arco da velã, mas o que ainda não vi demonstrado — talvez fosse essa uma occasão — é o milagre da multiplicãção dos pãas e dos peixes.

Firo á suas ordens.

Bon.

A alma da natureza

(PARABENAMENTO ESCRITO A' UM ALIBã)

A terra, como um colosso
que extenuado exprãas,
Jaz immovel, mudo, frã,
A treva cobre-lhe a face.

Mães resuscita, renãima-se
A' luz do sol, que voltou
Como volta a luz do espirito
A sua fronte que acordou.

Oh! mas quando a lua argentea
A screna luz derrama,
Como a terra se extãsia!
Como sente! como ama!

— A luz, bem pôde dizer-se,
E' a alma da creatão;
Se é o sol seu espirito,
A lua é seu coração.

S. Paulo, 1875.

Lecto de MEMORãA.

E que tal!

Os incendios inventaram-se depois das companhias de seguros, e por uma razão muito simples: é que não podãas, entre dãas inãicães que fãçãas hypocrisicamente amãr-se como dãos irmãos, viver um sem o outro, isolados e tristes.

Os incendios andã sempre atrãz das companhias de seguros, e as companhias de seguros atrãz dos incendios.

Assim que tãto a fogo ficam os directores das companhias n'uma sobreccãção de fazer compãnio, mas tãto depressa sabem que a desgraça não lães cabã em casa, esfregã as mãos de contentes e explorã todos os incidentes do incendio para angãriãr mais numerosas clientela.

Põlo seu lado os incendios sorriem-se diante de tanta zãnfãna vendo alãrgar-se-lhes o campo das suas operações. Inventados, pois, as companhias de seguros e os incendios tratou-se de inventar immediatamente um terceiro ele-

mento, uma especie de poder moderador, para conter os impetus das chammas contra as algebricas do proximo.

Inventos-se então o Sr. tenente-coronel Carvalho, e como seu auxiliar inventou-se em seguida tambem a... *Oriola*.

Tudo isto levou muito mais tempo para fazer do que Deus para criar o mundo. Era natural. Roma não se fez n'um dia... nem em seis.

Comegaram a errecar as companhias e a crescer os incendios. Era ainda muito natural. As crianças tinham de ser bemens n'um dia.

Não creiam, porém, nem o tenente-coronel Carvalho, nem a *Oriola*. Foram sempre do mesmo tamanho, fugido assim ás leis da natureza.

O digno chefe do corpo de bombeiros que a principio era um gigante em face dos incendios infantis, foi gradualmente sentindo-se diminuir diante das proporções que aquellos tomavam.

Enquanto uma crianga bastava para dominar as laborandos, bem iam as coisas, mas quando foi necessaria lutar com as linguas de fogo como se houvesse de lutar com os aquagados dentro de uma malha de chões esfomados, o negocio mudou muito de figura. A *Oriola* que havia tido os seus dias de gloria, ficou abalada pela impotencia e pela desesperança ao lado do seu general, que conta muitos dos seus combates por muitas das suas derrotas.

O que não quer dizer que não seja elogiado por todas, e inclusive pela propria repartição de que é chefe.

E se no entretanto, se ha servico que possa ser feito com mais promptidão, é este.

Os incendios extinco por demais combedidos. Só se não pôde calcular a rua em que elles têm de existir, mas se dias podem ser calculados com a mesma exactidão mathematica com que se calculam as marés, as luas, e o nascer e pôr do sol.

Em geral são os fogos aos domingos e dias santos, por um d'estes phenomenos que parecem ter relapso muito intima com o feccamento das portas.

O grande saca é que a verdade é esta.

A estatística é que pôde tirar-nos da duvida.

Os incendios n'aquelles dias têm sido:

Rua da Rosario, esquina da dos Ourives.

Rua da Quintanas, entre as do Ovidor e Sete de Setembro.

Rua do Ovidor, entre as da Quintana e Ourives.

Rua dos Ourives, entre as do Ovidor e Sete de Setembro.

Rua do Lavradio esquina da do Riachuelo.

Rua do Lavradio em frente á Policia.

Rua da Guarda Velha.

Rua do Rosario, entre as da Quintana e Ourives.

Rua da Alfanega, entre as dos Ourives e Valls.

Alem d'estes, ha ainda alguns outros que não nos occorrem agora, sendo muitissimo menor o numero dos havidos em todos os demais dias da semana.

Os incendios, pois, sendo com rara excepção dos domingos e dias santos, nada mais facil do que ter uma pipa d'agua n'estes dias á porta de todas as casas, uma bomba e a respectiva guarnição.

E depois podiamos dormir a sonno solto.

Feito isto, o mais que podia succeder era os incendios mudarem de systema, e passarem a ser nas quintas-feiras.

PEDRO MALA ARTE.

Trioleto

...all...

João Censura, João Censura,
Tens o credito abalado!
Estão-te chegado á figura,

João Censura,
João, coitado!

Estás sendo, extranha aventura,
João Censura, censurado!
Coitado do João Censura!
Coitado do João, coitado!

Rev.

Ao Professor Carlos Wiener

ILUM. E EXM. SR.

A população da cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro, como que aborça por se encontrar possuidora das mais fabulosas riquezas, ainda não está em si com a noticia profulada pelas Jornas, de haver V. Exc. avaliado as collecções do museu mesmo na importante quantia de vinte e dois mil contos de réis!

Convictos, como estamos, da exactidão do calculo de tão abalado como consenciozo archeologo, não nosoux extranhar a rigorosa precisão mathematica com que V. Exc. addiciona aquellas dous mil contos mais, á grossa e redondia quantia dos vinte mil!

Não senhor! Pelo contrario somos capazes de jurar que mais longe chegou a exactidão dos calculos de V. Exc. e abrigamos a crenga, que o seu calculo mimmuicou a somma de 22.000-000.000 réis; e que estas fracções foram contadas pela imprensa diaria e que não é coiza por ali além, stancia a sua proverbial variação!

Abriudo V. Exc. o exemplo de dar o justo e intrinseco valor á nossa riqueza, consista que lhe apresentemos outras precifiozadas que possuimos, e das quizes não podemos ainda obter cotizacao satisfactoria.

Cabe o primeiro logar ao Exm. Sr. tenente-coronel Carvalho, e sobre o seu lutozo corpo de bombeiros. Pedimos para este exemplar a mais aturada e minuciosa analyse.

O tenente-coronel em questão, conquanto não mereça figurar n'uma colleção zoológica, ainda que pela sua indole vagarosa podesse ser classificado no grupo dos chebanicos, e o inspettor d'incendios mais curioso que é dado observar!

Elle deixa andar as casas aos paços, e cada uma por tres vezes! Elle conserva o corpo de seu commando em chomra indisciplinada, elle não differença uma bomba de um fogador, elle fabrica os agradecimentos que lhe devem ser feitos, ella conserva o material d'incendios em depravado estado, elle...

Vamos Exm. Sr.—Quanto vale... quanto vale o Sr. Carvalho e as suas bombas?

Segue-se-lhe, na ordem do merito, o corpo policial da cidade.

E' necessario que dignamos a V. Exc. que somos roubados de dia e nas ruas mais populosas;— que encontramos as proprias praças do corpo de urbanos roubados nos as gallinias dos nossos quintaes;— que o policia—do noite—está sempre—dominando o—de dia—fecha os olhos nos maior.s crimes.

Ora diga-nos francamente quanto vale esta policia, Exm. Sr.? Seria injuzto deixar de pôr sob as vistas de V. Exc. a nossa Camara Municipal.

Deixa ella as ruas no estado do mais completo abandono;— conserva os sumidourcos em tal estado de suidajade, que

os mais poderosos desinfectantes seriam impotentes para corrigir aquellas putridas emanacões;— permite que pela cidade passem os barros e magro exolm que brota pelos intersticios das pedras da calçada;—e nem sequer se remue regularmente, para gerar meia hora do ashoroso cavaco, entre o caix de oyxos e o fumo perfumado do charuto de Havana!

Quanto vale aquella camara, presidente e tudo? Diga V. Exc. quanto vale.

Poupando-lhe os preciosos momentos, que precisa dedicar a questões de maximo alcance, perguntaremos por uma vez:

Quanto valcm os folhetins *Os Domingos* e *As Quintas-feiras*, que se publicam no *Globo*?

Quanto vale o Sr. Cardoso Mendes Censura e o seu Conservatorio Dramatico?

Quanto—o jornal o *Apostolo*—as verbas do Sr. Rosendo Mouta;—as cartas do *Carpino*;—a voz de actor Arbas;—a architectura do Sr. Bittencourt;—os tradados de musica do Sr. Bassameyer;—as preleções do Sr. Palmeira;—o edificio da camara legislativa;—o servico dos nossos correios;—o systema d'extracção das nossas loterias;—o servico da descarga da nossa alfandega;— etc, etc?

Digno ao V. Exc. com a consciencia que lhe é particular, dar um valor a toda esta *fatiola* e de-lazar so mesmo tempo se quer entrar em ajuste do preço por que deseja levar todas estas *providencias* para o seu país.

Não dante já declaramos a V. Exc. que lhe enchemos esta carta de riquezas gratuitamente; e em reconhecimento de sua livrar d'ellas, dar-lhe-hemos *par deusa* le maral: um retrato de frei Vital, um catalogo alfabético dos commendaçoes residentes e uma moeda de nickel do duzentos réis.

Reciba V. Exc. os protestos da mais sublim consideração.

Do seu admirador,

ALFREDO RIANCO.

SALPICOS

Não ha coiza assim!

Foga por um lado e larapios pelo outro, andamos verdaderamente entre a cruz e a caldeirinha.

Tam sido pedidas providencias, sollicitada a attenção dos *poderes competentes*, pedida a compaixão de S. M., mas nada se tem conseguido. De sorte que, não podendo pôr as nossas esperanças em providencias humanas, só nos resta apellar para a Divina.

E como sempre me ensinaram que nada vale para obter *coizas* da corte celeste, como a interessado dos santos, vou aproveitar o ensejo de fazer amanhã annos o Sr. S. Roque, deito lhe visita e depois metto-lhe o meu requerimento, ou para melhor dizer, o nosso requerimento, pois que já somos com mil a chamar. Ao mesmo tempo dos *loás* ao céu que conjunctivamente se venera com aquelle bemaventurado, e se ainda assim não conseguirmos nada, então, só vejo uma sahida: mettermos nos todos urbanos.

1°—Porque não poderemos ser roubados.

2°—Porque poderemos entrar em fogo impenhente.

Enfim tudo isto são *projeitos*, *convencões*, que em trouxe unicamente para fazer um realismo bem sentido á feta de Paquetá, pela qual temho um verdadeiro *carregajo*.

Chamem-me banguex, chamem-me tolo, chamem-me, inconscientemente, poeta, mas que temho um franco muito forte por aquella ilha, isto temho. E' que a ilha de Paquetá é um jardim em ponto pequeno: arvores que chegam a entrar pela agua dentro, agua que vem a espirrar-se em aristas deslambatradas de alvura, luz e frescura...

E depois, a ultima vez que lá estive, sempre comemos umas melancias!...

Palavra de honra, se me dessem a escolher, o que eu queria era ser rei de Paquetá, apenas com uma condicão annexa, darcm-me a *Independencia* para me guardar as costas. As costas da ilha, bem entendido.

Talvez, de resto, fosse um bom emprego de capital para aquellos nossos outros mil contos, cujo valor real anda por perto do das açoes da Florestal Paranaense, e é certo o que diz o *Globo*.

Mas se, como supponho, se deve antes dar credito á *Nephe*, não ha motivo mais solido do que a *Independencia*, e tanto, que já os engenheiros ingleses a entregaram aos representantes do nosso governo.

O que a *Nephe* não explicita bastante é qual o papel que no futuro a *congolita* terá de representar com relaçao ao maior vaso de guerra da America do Sul. Issa, porém, pouco importa, pois quem quiser saber ao certo o que ha de pensar bastaria consultar o Sr. de Castilho, que por intermedio dos espiritos batedores decidirá do caso.

Se este recurso falhar, então, só se poderá formar Juizo sagrado—consultando o Conservatorio Dramatico.

Boa.